ISSN: 2358-8829

EDUCAÇÃO SEXUAL E REPRODUTIVA NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Sharlene Pereira Alves [1]
Karla Gonçalves de Oliveira [2]
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima [3]

INTRODUÇÃO

A educação em saúde, através de ações estratégicas, deve ser direcionada aos diferentes públicos, incluindo, em grande parte, os adolescentes. É importante mencionar que existem situações de vulnerabilidade às quais os adolescentes são expostos continuamente, e que podem ocasionar infecções sexualmente transmissíveis. Dessa forma, podem-se pontuar: condições socioeconômicas, prática sexual precoce, não adesão ao uso do preservativo, baixo nível de escolaridade, diferenças de gênero e barreiras de comunicação e acessibilidade aos serviços de saúde em nível de atenção primária (Franco et al., 2020).

No tocante à promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, essa ação consiste em uma responsabilidade mútua da escola, da família e da comunidade. Contudo, nota- se que fatores como a falta de diálogo, a educação autoritária imposta pelos pais e a escassez objetivando analisar dados publicados na esfera da educação sexual e reprodutiva adolescente, de ações educativas contribuem para aumentar os mitos e tabus acerca da saúde sexual e reprodutiva ainda nos dias atuais, o que aumenta a exposição a práticas sexuais inseguras no público jovem, que, geralmente, experimenta a sexualidade de forma mais aguçada (Reis et al., 2023).

A partir do pressuposto, Franco et al. (2020) comprovam que a prevenção às doenças, agravos e desfechos negativos em saúde tem obtido relevância significativa, e a educação em saúde, através de ações estratégicas, deve ser direcionada aos diferentes públicos, incluindo, em grande parte, os adolescentes escolares.

[1] Doutoranda da Rede Nordeste de Ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - CE, Grupo de Pesquisa Corpo, Trabalho e Educação, sharlene.pereira02@aluno.ifce.edu.br;
[2] Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Ceará - IFCE, Grupo de Pesquisa Corpo, Trabalho e Educação, karlagoncalves@ifce.edu.br;
[3] Pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, patriciaribeiro@ifce.edu.br.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (Brasil, 2000) trabalhar esse tema na escola funciona como uma atividade integrada, com transversalidade por todos os níveis de ensino e disciplinas, pois está relacionada a uma questão inerente ao ser humano, desenvolvida de forma coletiva e social ao longo da vida.

Além disso, Furlanetto et al. (2018) orientam que a sexualidade deve ser trabalhada dentro da programação pedagógica e por meio da extraprogramação ao passo que aconteçam demandas relacionadas ao assunto, ou seja, em ambientes formais e não formais. Essas ações culminarão e incentivarão a adoção de práticas sexuais saudáveis, ofertando o aprendizado e elevando os adolescentes ao protagonismo no cuidado da sua saúde, transformando o contexto escolar em lócus promotor de saúde que entregue qualidade de vida, garantindo a redução de vulnerabilidades e riscos à saúde dos estudantes.

Para auxiliar a busca pela segurança no tocante à saúde sexual e reprodutiva, é importante enfatizar que se compreendeu ser muito oportuno aprofundar no assunto sobre educação e sexualidade, mais precisamente às questões ligadas à saúde nesse âmbito. Ressalta-se que tratar esse tema é relevante para a enfermagem escolar, uma vez que a escola consiste em um ambiente privilegiado de troca de conhecimentos, onde o profissional de enfermagem pode demonstrar sua capacidade para educação em saúde, gerindo e proporcionando ações primordiais para informações adequadas ao público discente (Sena; Silva; Almeida, 2022). Diante dos aspectos expostos, o presente trabalho objetiva analisar dados publicados na esfera da educação sexual e reprodutiva adolescente.

METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de revisão bibliográfica, como base para o arcabouço teórico de uma tese de doutorado. Foi utilizada a base de dados LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde –, de onde foram selecionados cinco artigos científicos, datados a partir de 2022.

Dessa forma, inicialmente foi realizada uma busca de pesquisas sobre a educação sexual e reprodutiva na adolescência, objetivando identificar as concepções no cuidado com abordagem educacional em saúde para o adolescente escolar, citadas em periódicos,

por meio da literatura sobre o tema. Os descritores utilizados na pesquisa foram: sexualidade; adolescentes; enfermagem; educação sexual e reprodutiva

Destarte, foram empregados como critérios de inclusão os estudos que abordavam educação sexual e reprodutiva para o público adolescente, textos nacionais e trabalhos publicados com marco temporal definido de 2022 até os tempos atuais. Para finalizar a seleção, foram descartados os textos que não atendiam os critérios estabelecidos.

Assim, foram selecionados cinco artigos, organizados em fichas onde constava uma síntese para apreender os aspectos em saúde sexual e reprodutiva voltadas para a saúde dos adolescentes no contexto escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Sehnem et al. (2019), a adolescência é definida por uma referência etária e biológica, cuja formação ocorre em função das relações intergeracionais e das concepções sociais. Medeiros et al. (2021) enfatiza a importância de avaliar os fatores históricos e sociais que cercam essa fase, que é caracterizada por mudanças rápidas (Valença; Guimarães; Siqueira, 2020). Isso inclui o desenvolvimento de estratégias e ações para promover a saúde nas escolas, bem como o monitoramento constante da saúde dos alunos.

Essa demanda é reforçada pela preocupação com a continuidade de problemas de saúde na fase adulta, como o transtorno depressivo, que parece estar ligado a um aumento na probabilidade de doenças cardiovasculares e aterosclerose prematura. A ocorrência de um episódio eleva a chance de que eventos semelhantes ocorram no futuro (Valença; Guimarães; Siqueira, 2020).

Esse aspecto é alarmante, pois crianças e adolescentes estão continuamente expostos a diversos agentes, correndo o risco de desenvolver comportamentos prejudiciais à saúde, ao bem-estar integral e à competência social (Sales et al., 2020; Cardoso; Cecconello, 2019).

Grillo e Silva (2004) afirmam que ainda não há um consenso sobre a definição de transtornos psiquiátricos em relação à saúde mental desse público, uma vez que esses transtornos podem variar de acordo com diferentes culturas. Além disso, há o desafio de detectar precocemente e medir objetivamente a presença e a gravidade desses transtornos comportamentais. Embora sejam raras as circunstâncias que levam uma criança ou

adolescente a procurar um serviço de urgência e emergência pediátrica, identificar precocemente os sinais de comportamento negativo pode facilitar o encaminhamento apropriado para intervenções que melhorem a condição do indivíduo (Hartmann, 2020).

Outro fator preocupante para a saúde pública é o consumo de medicamentos, que está diretamente ligado à qualidade dos serviços de saúde. Nesse contexto, crianças e adolescentes constituem um grupo altamente propenso ao uso inadequado de medicamentos, tanto com quanto sem prescrição médica (Valença; Guimarães; Siqueira, 2020).

O aumento e a disseminação da automedicação em todo o mundo recebem uma contribuição considerável de elementos econômicos, políticos e culturais. Avanci, Assis e Oliveira (2013) apontam que o padrão de uso de medicamentos na infância e adolescência continua sendo insuficiente, especialmente em países em desenvolvimento. A frequência no Brasil ainda conta com escassas pesquisas e uma abordagem não organizada, apresentando análises em várias faixas etárias, variando de 7,1 a 53,2% (Avanci; Assis; Oliveira, 2013).

Embora exista uma contradição em relação à influência do uso dos serviços de saúde e da automedicação, Valença, Guimarães e Siqueira (2020) notaram que os usuários do sistema de saúde público mostraram maior tendência a se automedicar. Esse dado ressalta a relevância de implementar políticas de intervenções e estratégias voltadas à promoção e proteção da saúde, com foco na prevenção da automedicação, especialmente entre crianças e adolescentes.

Nos últimos anos, o fortalecimento das políticas de saúde para jovens ganhou ainda mais relevância devido aos impactos da pandemia de Covid-19 nesse grupo. A alteração na rotina das pessoas causada pelas medidas de isolamento e distanciamento resultou em mudanças significativas na dinâmica familiar, afetando especialmente crianças e jovens (Marques et al., 2020).

Devido à sobrecarga enfrentada por pais e responsáveis causada por essa nova rotina em casa, a UNICEF (2020) elaborou um documento com orientações para a gestão familiar durante a pandemia, no qual destacou a possibilidade de ansiedade entre adolescentes que estão em situações vulneráveis. Esse alerta é acompanhado de relatos que indicam um aumento no estresse e riscos ao bem-estar de crianças e adolescentes (Spinelli et al., 2020; Prime; Wayde; Browne, 2020).

Assim, além de lidarem com a realidade típica da adolescência, os jovens tiveram que se readaptar ao confinamento, uma vez que, conforme Polanczyk (2020), os efeitos do isolamento social na saúde mental, incluindo a de crianças e adolescentes, podem dar origem a uma nova fase da pandemia. Portanto, é essencial refletir sobre a adolescência e a dinâmica familiar também sob a perspectiva da pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A adolescência e juventude são um público que representa aproximadamente 37% da população brasileira e é apontado como categoria social, exibem um momento do ciclo de vida geralmente saudável onde agravos surgem em decorrência de fatores culturais e sociais, os quais podem impactar na vulnerabilidade a respeito de direitos e oportunidades dos adolescentes e jovens (Brasil, 2017).

Dessa forma, Costa et al. (2021) consideram, em seu estudo, que o processo do adolescer é essencial e capaz de apresentar consequências para a geração futura de adultos. Em se tratando de conceituação, adolescer significa ingressar na fase da adolescência, encontrar-se em processo de crescimento. A etimologia latina refere-se a termos como desenvolver-se, brotar, fortificar-se, crescer, fazer-se grande (Houaiss; Vilar, 2001).

Em se tratando de educação em saúde na adolescência, no trabalho sobre a prevalência de indicadores de saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes brasileiros, Sousa et al. (2022) utilizou dados referentes à saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares respondentes das duas últimas edições da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). A coleta de dados ocorreu por meio de questionário, seguida por avaliação de variáveis sociodemográficas e sobre comportamento sexual, sendo concluída com o cálculo da prevalência de indicadores. A análise dos resultados mostra uma população entre 13 e 17 anos que estuda, em sua maioria, em escola pública. Foi demonstrado aumento de prevalência de iniciação sexual precoce. Adolescentes mais velhas apresentaram maior adesão ao uso de preservativos na sexarca, porém houve queda desse método para a última relação, assim como uso de outros tipos de prevenção de comportamentos de risco (Sousa et al., 2022).

Por outro lado, aumentou a incidência de orientação sexual recebida pelo público sobre gravidez e IST/HIV, sendo essa abordagem mais prevalente entre as meninas. Uma

maior notoriedade também foi observada, por Sousa et al. (2022), na gravidez e na iniciação sexual precoce para alunas de escola pública, embora o crescimento tenha sido nas escolas privadas.

As cinco regiões do país demonstraram aumento nos indicadores sobre iniciação sexual precoce, nas duas faixas etárias do estudo. Em 2019, no entanto, houve redução do uso de pílula anticoncepcional, índice com pequenas diferenças regionais. Quanto à gravidez na adolescência, houve aumento dos casos no Nordeste, afirmando-se algumas desigualdades entre as regiões do país (Sousa et al., 2022).

A pesquisa de iniciação à vida sexual revelou aumento na idade de 13 anos ou menos para ambos os sexos, o que pode tornar o adolescente mais vulnerável a comportamentos de risco. Importa adicionar que a média de iniciação sexual é um dado sobre o qual não há consenso de sua exatidão. Dessa forma, Sousa et al. (2022) reafirmam o quanto é necessária a promoção da saúde sexual e reprodutiva para esse público, por meio também de medidas políticas, reforçada com conhecimento técnico e teórico.

O retrocesso na política pública em saúde sexual e reprodutiva também colabora para a queda no uso de preservativo e pílula anticoncepcional, fato marcado ainda pela cultura arcaica como é tratado o assunto. Um fato preocupante consiste na diminuição de recebimento de orientações sobre IST, levando à alta incidência de casos entre os adolescentes (Sousa et al., 2022). A fragilidade de informações, aliado a diferenças culturais e etárias, também justifica a redução no uso de preservativos.

Após a análise dos resultados, Sousa et al. (2022) listaram como fatores limitantes as faixas etárias adotadas, a inclusão apenas de adolescentes escolares. Ainda assim, o estudo apresenta caráter inovador, apontando retrocessos e necessidades urgentes em saúde sexual e reprodutiva desse público.

Na dissertação intitulada “Vivendo e aprendendo: fatores de risco, conhecimento e práticas de adolescentes do ensino médio relacionados à saúde sexual e reprodutiva”, Ferreira (2020) reforça a vulnerabilidade para práticas sexuais inseguras no público adolescente, agravada também por tabus, preconceitos e dificuldade de diálogo envolvendo o tema sexualidade. A autora destaca a importância de atividades educativas sobre IST/AIDS e métodos contraceptivos com adolescentes, tendo como objetivo geral do seu estudo a análise dessas medidas em relação à construção de uma identidade sexual saudável.

Foi realizado um percurso histórico abordando a origem do IFES Campus Alegre e a implantação dos cursos oferecidos pela instituição. Em seguida, trata a adolescência em todo o seu arcabouço epistemológico, atravessado pela linguística, sua abordagem histórica, o desenvolvimento psicossocial nessa faixa etária, as relações interpessoais, a educação no âmbito do ensino e aprendizagem. Também realizou abordagem de temas como IST e métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, direitos sexuais e reprodutivos do adolescente (Ferreira, 2020).

Em se tratando de metodologia, a pesquisa foi classificada como qualitativa, pesquisa- ação, utilizando-se da análise de conteúdo para investigar a categorização das respostas. Ferreira (2020) aplicou alguns questionamentos direcionados ao objetivo geral da pesquisa, desenvolvida com alunos de 16 a 19 anos de um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), em julho a novembro de 2019.

Para execução das oficinas temáticas, os pesquisadores seguiram a estratégia pedagógica de um roteiro composto por seis fases, cujos encontros eram marcados por atividades relacionadas à pesquisa e apresentações educativas. A coleta de dados, por sua vez, foi realizada com a aplicação de um questionário na fase inicial e na final da pesquisa, juntamente com a observação participante. Tais dados foram analisados com estatística descritiva (Ferreira, 2020).

A pesquisa sobre o perfil da amostra constatou que a maioria dos participantes eram do sexo masculino, todos tinham entre 16 e 19 anos, com pais, em maior prevalência, possuindo graduação completa. Grande parte dos discentes era católica e residia na zona urbana (Ferreira, 2020).

Quando questionados sobre sexualidade, percebeu-se um expressivo interesse dos adolescentes pelo assunto, os quais responderam que conversam sobre esse assunto predominantemente com amigos e colegas, dado esse presente tanto antes quanto após a intervenção. Além disso, relataram, antes e após a intervenção, em sua maioria, não se sentir à vontade para conversar sobre IST e métodos contraceptivos com familiares (Ferreira, 2020).

Acerca de informações sobre sexualidade, a fonte mais citada foi a internet, tanto antes quanto depois da intervenção. A disponibilidade do tema na vivência escolar foi negada pela maioria dos entrevistados, os quais definiram palestras como o melhor método de abordar o tema na escola, de acordo com Ferreira (2020).

Dados relacionados a métodos contraceptivos e possibilidade de engravidar na primeira relação sexual demonstraram a importância do conhecimento acerca do assunto (Ferreira, 2020). A mesma abordagem se deu sobre a prevenção das IST, quando a maioria respondeu a camisinha como principal método conhecido, apesar de estudos demonstrarem uso não frequente entre os jovens. Tais informações corroboram com Silva (2015), que afirma a relevância das informações direcionadas a práticas sexuais seguras nos adolescentes.

Após as intervenções educativas, os pesquisadores colheram opiniões consideradas relevantes quanto à obtenção de informações no sentido de informar e sensibilizar, assim como proporcionar vivências mais concretas sobre o tema, como mencionam Valle e Arriada (2012). Além de publicizar e conscientizar os adolescentes sobre saúde sexual e reprodutiva, como mencionado acima, o estudo identificou uma lacuna na relação entre pais/responsáveis e os jovens, o que pode gerar uma maior responsabilidade sobre a escola no que diz respeito a orientações sobre o tema (Ferreira, 2020). A vivência escolar exige maior frequência de atividades educativas para evitar influências de fontes não seguras, compartilhar informações coerentes e sanar dúvidas sobre sexualidade e assuntos correlatos.

Reis et al. (2023) analisaram a associação entre comportamentos sexuais dos adolescentes e a supervisão parental, definida como monitoramento indireto com aplicação de regras e o conhecimento sobre localização e atividades dos filhos (Stattin; Kerr, 2000). O estudo utilizou a Amostra 1 da PeNSE 2015 para reunir as escolas participantes da pesquisa, utilizando-se do modo survey para análises estatísticas.

A amostra foi composta em sua maioria pelo sexo feminino, com idade entre 14 e 16 anos. No sexo masculino, foram percebidas taxas maiores de iniciação sexual, não uso de preservativos ou contraceptivos e maior número de parceiros sexuais. Observou-se uma relação invertida entre a supervisão dos pais e a iniciação e comportamento protetor sexual dos filhos. A proporção se manteve ao ser notado maior número de parceiros sexuais entre aqueles com baixa supervisão (Reis et al., 2023).

Os autores identificaram relação entre gênero e supervisão dos pais, em que adolescentes do sexo masculino são menos supervisionados em ambientes externos à casa, e as do sexo feminino, menos supervisionadas no ambiente domiciliar (Reis et al., 2023). Estudos mostram que a presença dos pais na vida dos adolescentes está associada

a um maior compartilhamento de informações sobre sexo seguro (Dávila et al., 2017), corroborando com dados sobre iniciação e proteção sexual coletados no presente estudo.

Vale destacar que outros fatores também influenciam na vida sexual e reprodutiva dos adolescentes (Woolley; Macinko, 2019; Dos Santos et al., 2015); assim, família, escola e serviços de saúde possuem papel fundamental na educação desse público, executando políticas e programas essenciais no âmbito da saúde sexual e reprodutiva.

Em meio ao amplo espectro de ações em saúde, o profissional enfermeiro assume o protagonismo no sentido de traçar ações efetivas para o público adolescente possibilitando construir conhecimento e discussão para fortalecer o vínculo e reduzir comportamentos de risco entre esses jovens.

Diante disso, Gotardo e Schimidt (2022) realizaram estudo descritivo, retrospectivo e transversal, que objetivou elencar ações em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes na atenção primária em saúde. Para isso, consultaram o SISAB (Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica), que permite acessar informações sobre diferentes tipos de produções dos serviços de saúde.

O público escolhido para o estudo consistiu em adolescentes de 12 a 18 anos, do município de Palmas, Paraná. Os dados coletados contemplaram os períodos de janeiro de 2016 a dezembro de 2020 (Gotardo; Schimidt, 2022).

Em se tratando de atividades educativas sobre o tema em questão, os resultados contabilizaram 11 ações, sendo 8 realizadas pelo enfermeiro (Gotardo; Schimidt, 2022). De acordo com Kirsch e Slob (2019), esse profissional de saúde demonstra competência para atuar em diversas áreas da saúde, apesar de sua inserção em educação em saúde ainda se mostrar incipiente. Além disso, pode-se utilizar de tecnologias educacionais para atrair a atenção do público adolescente (Pereira et al., 2021a).

Acerca dos atendimentos individuais em saúde sexual e reprodutiva, Gotardo e Schimidt (2022) constataram a predominância do público feminino, sugerindo menor procura do público masculino por prevenção, que rejeita a possibilidade de adoecer. Assim, cuidam-se menos e ficam mais expostos a patologias, incluindo ISTs.

Apesar disso, observou-se tendência de aumento na busca por atendimento pelas causas avaliadas no período estudado, demonstrando a necessidade crescente de ações de promoção e prevenção à saúde desse grupo (Gotardo; Schimidt, 2022). Foi afirmada a importância da consulta de enfermagem nesse sentido, pois possibilita a compreensão do cuidado em saúde e a tomada de decisões importantes.

Em relação ao atendimento pré-natal, Gotardo e Schimidt (2022) contabilizaram 6.275 atendimentos direcionados a adolescentes, com expressiva atuação do profissional enfermeiro, denotando maior proatividade dessa classe na promoção, proteção e cuidado no período gestacional, com vistas à redução da mortalidade materno-infantil (Castro et al., 2015).

Além disso, a consulta de pré-natal, por envolver todas as fases do ciclo gravídico, proporciona ao enfermeiro o papel de educador na criação de estratégias para enfrentamento das dificuldades inerentes à saúde (Gotardo; Schimidt, 2022).

Considerando as buscas por atendimento sobre ISTs, houve uma discrepância relevante nos testes rápidos realizados em mulheres e homens, possivelmente devido à aplicação do método em gestantes (Gotardo; Schimidt, 2022). Vale lembrar que o enfermeiro possui qualificação apropriada para tais procedimentos, além de oferecer suporte educativo e emocional nesse sentido.

As autoras constataram, por intermédio do estudo, a presença de lacunas na atenção à saúde sexual e reprodutiva do adolescente, sobretudo quanto a ações de prevenção e promoção, além da distinção entre sexos nos atendimentos (Gotardo; Schimidt, 2022). É evidente a necessidade de priorizar a educação em saúde para esse público, haja vista a demanda por informações nessa área. Dessa forma, o enfermeiro assume o protagonismo nas atividades da atenção primária em saúde, tanto na prevenção quanto na promoção em saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.

Além do ambiente de saúde, o enfermeiro pode dispor de outras técnicas para tratar da saúde dos adolescentes. Em seu estudo metodológico, Leite et al. (2022) objetivou construir e validar o conteúdo de um podcast tratando do tema. Para contemplar tal produto, adotou-se a perspectiva freireana, seguida pela definição das temáticas a serem abordadas no programa, por meio de pesquisa das necessidades de conhecimentos. A etapa seguinte foi a construção do produto, finalizando o processo com sua validação, cujo cenário foi composto por 440 adolescentes de uma escola estadual de educação profissional, com período de aplicação entre março de 2020 a junho de 2021 (Leite et al., 2022).

Como resultado, os autores construíram e validaram o podcast intitulado Coisa de Adolescente, cuja participação dos adolescentes foi considerada expressiva, com ajuda dos itinerários do Círculo da Cultura e do uso de situações, espaços e preferências comuns aos participantes (Leite et al., 2022).

Quanto às fontes de conhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva, a maioria dos adolescentes respondeu utilizar a internet/mídia/televisor. Também obteve maior prevalência o conhecimento sobre HIV/AIDS, HPV, herpes e sífilis. A camisinha foi o método contraceptivo mais comentado, seguida de métodos hormonais. Além desses dados, o questionário de conhecimento sobre sexualidade trouxe temas que se mostraram relevantes para abordagem no programa (Leite et al., 2022).

Finalizado o levantamento de tais necessidades de conhecimento, procedeu-se à construção do podcast, cuja equipe foi composta por cinco adolescentes, os quais foram capacitados sobre os temas abordados e as técnicas audiovisuais. A última etapa do produto educacional foi a validação, que transcorreu por onze especialistas, os quais mencionaram suas sugestões e realizaram suas avaliações antes da disponibilização dos conteúdos em mídias digitais (Leite et al., 2022).

Nesse sentido, o podcast Coisa de Adolescente alcançou o objetivo de orientar adolescentes sobre saúde sexual e reprodutiva, de modo a lidarem com vulnerabilidades atreladas a essa fase da vida (Garcia et al., 2022). Essa tecnologia também tem se mostrado útil aos profissionais no sentido de aproximar educador de educando (Oliveira et al., 2020).

A educação sexual, quando desenvolvida antes do início da atividade sexual, pode contribuir na conscientização da prática do sexo seguro (Lameiras-Fernández et al., 2021). Envolver os estudantes também no processo de produção é tão importante quanto a entrega do material pronto, pois estes adquirem papel de protagonista do processo, exercendo seu empoderamento e autonomia, bem como fortalecendo sua confiança para atividades futuras (Malka et al., 2021). Tais benefícios contribuem para facilitar o processo de ensino aprendizagem na educação em saúde, implicando também em avanços para a enfermagem nesse papel educador (Leite et al., 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos fatores apresentados, conclui-se o quanto é necessária a promoção da saúde sexual e reprodutiva para esse público, por meio também de políticas públicas, reforçadas com conhecimento científico, também voltadas para a práxis profissional.

Durante todo o percurso das leituras relativas a este estudo, verificou-se que ainda são necessários ajustes no processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de ampliar

a educação sexual e reprodutiva tanto no âmbito da educação quanto no contexto do local da pesquisa. Em nível nacional, sugere-se a reformulação da legislação, incorporando a saúde sexual e reprodutiva ao conteúdo pedagógico curricular, visando viabilizar seu efetivo desenvolvimento nas escolas. Essa proposta decorre da necessidade relatada pelos adolescentes entrevistados neste estudo sobre a educação sexual e reprodutiva nas escolas, já que afirmam que a instituição de ensino é um espaço adequado para essas atividades, indicando formatos como palestras, grupos de estudo e campanhas.

Nesse intento, propõe-se a realização de pesquisas adicionais voltadas à atividade docente em educação sexual e reprodutiva, incluindo trabalhos nos espaços não-formais. Destaca-se, dentro dessa temática, a importância de aprofundar os estudos sobre sexualidade e gênero direcionados ao público adolescente e jovem das instituições de ensino, considerando a necessidade de desenvolver a consciência e a segurança dos indivíduos diante das decisões que impactarão sua vida presente e futura.

Palavras-chave: Adolescentes; Educação sexual e reprodutiva; Infecções sexualmente transmissíveis.

REFERÊNCIAS

AVANCI, Joviana Quintes; ASSIS, Simone Gonçalves; OLIVEIRA, Raquel de Vasconcellos Carvalhaes. Sintomas depressivos na adolescência: estudo sobre fatores psicossociais em amostra de escolares de um município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, n. 24, v. 10, p. 2334-2346, out. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102311X2008001000014>. Acesso em: 05 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais - ensino médio.** Brasília, DF, 2000. 109 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 05 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na Atenção Básica.** Brasília, DF, 2017. 234 p. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.p df>. Acesso em: 05 out. 2026.

CARDOSO, Alessandra Soares; CECCONELLO, Alessandra Marques. Fatores de risco e proteção para o suicídio na adolescência: uma revisão de literatura. **Revista Científica Perspectiva Ciência e Saúde,** Osório, v. 4, n. 2, p. 101-117, dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29327/211045.4.2-5>. Acesso em: 05 out. 2026.

CASTRO, Lúcia Maria Xavier de; SIMONETTI, Maria Cecília Moraes; ARAÚJO, Maria José de Oliveira. **Monitoramento e acompanhamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) e do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM).** Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 46 p.

COSTA, Luiza Cesar Riani; GONÇALVES, Marília; SABINO, Fabiano Henrique Oliveira; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; CARLOS, Diene Monique. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface,** Botucatu, v. 25, suppl. 1, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.200801>. Acesso em: 05 out. 2026.

DÁVILA, Sandra Paloma Esparza; CHAMPION, Jane Dimmitt; MONSIVÁIS, Maria Guadalupe Moreno; TOVAR, Marlene; ARIAS, Maria Luisa Flores. Mexican adolescents' self-reports of parental monitoring and sexual communication for prevention of sexual risk behavior. **Journal of Pediatric Nursing,** v. 35, p. 83-89, jul.-ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pedn.2017.03.007>. Acesso em: 05 out. 2026.

DOS SANTOS, Taciana Mirella Batista; ALBUQUERQUE, Lívia Brito Bezerra de; BANDEIRA, Carolina da Franca; COLARES, Viviane Soares de Andrade. Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: revisão integrativa. **Revista de Atenção à Saúde,** Recife, v. 13, n. 44, p. 64-70, abr.-jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ras.vol13n44.2668>. Acesso em: 05 out. 2026.

FERREIRA, Aline Gambart da Silva. **Vivendo e aprendendo: fatores de risco, conhecimento e práticas de adolescentes do ensino médio relacionados à saúde sexual e reprodutiva.** 2020. 78 f. Dissertação (mestrado), Mestrado em Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/6077>. Acesso em: 05 out. 2026.

FRANCO, Maurilo de Sousa; BARRETO, Maryanna Tallyta Silva; CARVALHO, José Wilian de; SILVA, Pallysson Paulo da; MOREIRA, William Caracas; CAVALCANTE, Marília Costa; SILVA, Deborah Fernanda Campos da; LIMA, Luisa Helena de Oliveira.

Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Revista de Enfermagem da UFPE online,** v. 14, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/19818963.2020.244493>. Acesso em: 05 out. 2026.

FURLANETTO, Milene Fontana; LAUERMANN, Franciele; COSTA, Cristofer Batista da; MARIN, Angela Helena Marin. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Revista Cadernos de Pesquisa,** v. 48, n. 168, p. 550-571, abr.-jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053145084>. Acesso em: 05 out. 2026.

GARCIA, Esmelsy Cabrera; COSTA, Ivoneide Ribeiro; OLIVEIRA, Regina Celia de; SILVA, Carlos Roberto Lyra da; GÓIS, Amanda Regina da Silva; ABRÃO, Fátima Maria da Silva. Representações sociais de adolescentes sobre a transmissão do HIV/AIDS nas relações sexuais: vulnerabilidades e riscos. **Escola Anna Nery,** v. 26, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0083>. Acesso em: 05 out. 2026.

GOTARDO, Pamela Luísa; SCHMIDT, Clenise Liliane. Atuação do enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Conjecturas,** Palmas, v. 22, n. 13, p. 453-467, set. 2022. Disponível em: <https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1701>. Acesso em: 05 out. 2026.

GRILLO, Eugênio; SILVA, Ronaldo J. M. Manifestações precoces dos transtornos de comportamento na criança e no adolescente. **Jornal de Pediatria,** Rio de Janeiro, v. 80, supl. 2, p. 21-27, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300004>. Acesso em: 05 out. 2026.

HARTMANN, Paula Benevenuto. **Depressão na infância e adolescência: apresentação clínica.** São Paulo, 02 out. 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/depressao-nainfancia-e-adolescencia-apresentacao-clinica/>. Out. 2020. Acesso em: 05 out. 2026.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAMEIRAS-FERNÁNDEZ, María; MARTÍNEZ-ROMÁN, Rosana; CARRERA-FERNANDEZ, María Victoria; RODRIGUEZ-CASTRO, Yolanda. Sex education in the spotlight: what is working? Systematic review. **International Journal of Environmental Research and Public Health,** v. 18, n. 5, p. 1-31, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18052555>. Acesso em: 05 out. 2026.

LEITE, Paloma Loiola; TORRES, Francisco Ayslan Ferreira; PEREIRA, Leonarda Marques; BEZERRA, Adriana de Moraes; MACHADO, Lucas Dias Soares; SILVA, Maria Rocineide Ferreira da. Construção e validação de podcast para educação em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 30, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6263.3706>. Acesso em: 05 out. 2026.

MALKA, Ronit; VILLWOCK, Jennifer; FAUCETT, Erynne A.; BOWE, Sarah. Podcastbased learning in otolaryngology: availability, breadth, and comparison with other specialties. **The Laryngoscope,** v. 131, n. 7, p. 2131-2138, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/lary.29349>. Acesso em: 05 out. 2026.

MARQUES, Emanuele Souza; MORAES, Claudia Leite; HASSELMANN, Maria Helena; DESLANDES, Suely Ferreira; REICHENHEIM, Michael Eduardo. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 36, n. 4, p. 1-6, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>. Acesso em: 05 out. 2026.

MEDEIROS, Eliabe Rodrigues; SOARES, Manoelle Fernandes da Silva; REBOUÇAS, Danielle Gonçalves da Cruz; NETA, Maria Nazaré Chacon de Matos; SILVA, Sandy Yasmine Bezerra; PINTO, Erika Simone Galvão. Ações executadas no Programa Saúde na Escola e seus fatores associados. **Avances en Enfermería,** v. 39, n. 2, p. 167-177, mai. 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v39n2.86271>. Acesso em: 05 out. 2026.

OLIVEIRA, Marcela Paula Conceição de Andrade; MONTEIRO, Rosana Juliet Silva; BELIAN, Rosalie Barreto; LIMA, Luciane Soares de; GONTIJO, Daniela Tavares. “Is deciding that you learn to decide”: validation of digital game on sexual and reproductive health in adolescence. **Revista Adolescência e Saúde,** Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 2433, abr.-jun. 2020. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v17n2a04.pdf>. Acesso em: 05 out. 2026.

PRIME, Heather; WADE, Mark; BROWNE, Dillon T. Risk and resilience in family wellbeing during the COVID-19 pandemic. **American Psychologist,** v. 75, n. 5, p. 631-643, jul.-ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/amp0000660>. Acesso em: 18 nov. 2023.

POLANCZYK, Guilherme Vanoni. **O custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes.** Jornal da USP, 11 mai. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=321462>. Acesso em: 05 out. 2026.

REIS, Gleice Barbosa; SOUSA, Marco Aurélio de; ANDRADE, Gisele Nepomuceno de; MALTA, Deborah Carvalho; MACHADO, Ísis Eloah; FELISBINO-MENDES, Mariana Santos. Supervisão dos pais e comportamento sexual entre adolescentes brasileiros. **Revista Brasileira de Epidemiologia,** v. 26, suppl. 1, p. 1-9, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720230013.supl.1.1>. Acesso em: 05 out. 2026.

SALES, Jackeline Kérollen Duarte; SALES, Janayle Kéllen Duarte; ALVES, Dailon de Araujo; COELHO, Hercules Pereira; OLIVEIRA, Ozeias Pereira; SANTOS, Rosely Leyliane. Fatores de risco associados ao comportamento sexual de adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde,** n. 49, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e3382.2020>. Acesso em: 05 out. 2026.

SENA, Luana Santos de; SILVA, Tatiany Oliveira da; ALMEIDA, André Henrique do Vale de. O papel da enfermagem na educação sexual dos adolescentes no âmbito escolar. **Revista Saúde Nobre,** Feira de Santana, v. 2, n. 1, p. 6-14, 2022. Disponível em: <https://unifan.net.br/wp-content/uploads/2022/05/Artigo-1-O-PAPEL-DA-ENFERMAGEMNA-EDUCAC%CC%A7A%CC%83O-SEXUAL-DOS-ADOLESCENTES-NOA%CC%82MBITO-ESCOLAR-1-1.pdf>. Acesso em: 05 out. 2026.

SEHNEM, Graciela Dutra; CRESPO, Bruna Tarasuk Trein; RIBEIRO, Aline Cammarano; WILHELM, Laís Antunes; ARBOIT, Jaqueline. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. **Avances en Enfermería,** Bogotá, v. 37, n. 3, p. 343-352, set.-dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/avenferm/article/view/78933>. Acesso em: 05 out. 2026.

SILVA, Luciene de França. **Estratégia Educativa Sobre a Importância da Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e Gravidez na Adolescência.** 2015. 74 f. Dissertação (mestrado), Mestrado em Educação Agrícola, Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015. Disponível em: <https://tede.ufrrj.br/jspui/handle/jspui/3268>. Acesso em: 05 out. 2026.

SOUSA, Laysi Pêgo de; FRANZOI, Mariana André Honorato; MORAIS, Rita de Cássia Melão de. Influência das mídias sociais no comportamento alimentar de adolescentes.

Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 8, n. 6, p. 43489-43502, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv8n6-065>. Acesso em: 05 out. 2026.

SPINELLI, Maria; LIONETTI, Francesca; PASTORE, Massimiliano; FASOLO, Mirco. Parents' stress and children's psychological problems in families facing the COVID-19 outbreak in Italy. **Frontiers in Psychology,** v. 11, n. 1713, p. 1-7, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01713>. Acesso em: 05 out. 2026.

REIS, Gleice Barbosa; SOUSA, Marco Aurélio de; ANDRADE, Gisele STATTIN, Häkan; KERR, Margaret. Parental monitoring: a reinterpretation. **Child Development,** v. 71, n. 4, p. 1072-1085, jul.-ago. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00210>. Acesso em: 05 out. 2026.

VALENÇA, Renata Cristiny Pereira; GUIMARÃES, Shayane Barros; SIQUEIRA, Lidiany da Paixão. Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes: uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development,** Curitiba, v. 6, n. 12, p. 94860-94875, dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-101>. Acesso em: 05 out. 2026.

VALLE, Hardalla Santos do; ARRIADA, Eduardo. “Educar para transformar”: a prática das oficinas. Universidade Federal do Rio Grande Instituto de Educação. **Revista Didática Sistêmica,** Pelotas, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2514>. Acesso em: 05 out. 2026.

WOOLLEY, Natalia Oliveira; MACINKO, James. Association between sociodemographic characteristics and sexual behaviors among a nationally representative sample of adolescent students in Brazil. **Cadernos de Saúde Pública,** v. 35, n. 2, p. 1-13, fev. 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-311X00208517. Acesso em: 05 out. 2026.